

FRAGMENTOS DA MODERNIDADE EM RIO GRANDE: A CONTRIBUIÇÃO DOS CARTÕES POSTAIS (1902-1930)

*Eduardo Arriada¹
Hardalla Santos do Valle²*

RESUMO: O objetivo deste texto é analisar o cartão postal como documento iconográfico que contribui de diversas maneiras para o estudo do passado da cidade de Rio Grande/RS. Produzido no exterior ou mesmo por algumas casas editoriais rio-grandinas, esse documento perpetua algumas cenas, oculta outras e esquece muitas, mas nem por isso deixa de ser relevante. Nesse sentido, discorreremos acerca de diversos cartões postais produzidos pelas seguintes casas editoriais: Meira, Strauch, Americana, Miscelânea etc. O recorte temporal prende-se ao surgimento dos primeiros cartões postais da cidade de Rio Grande até o ano de 1930, quando a “febre” da cartofilia arrefeceu.

PALAVRAS-CHAVE: Cartão Postal. Rio Grande. Modernidade.

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyze the postcard as iconographic document that contributes in several ways to the study of the city of Rio Grande / RS in the past. Produced abroad, or even by some publishing houses river-grandinas, this document perpetuates some scenes, hidden other, many forget, but not for that reason cease to be relevant. In this sense, we discuss about

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPEL). Doutor em Educação (PPGE-PUC-RS). Mestre em História (PPGH-PUC-RS). Membro do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE-PPGE-UFPEL). Graduado em História e Direito (UFPEL).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPEL). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestre em Educação (PPGE-UFPEL). Membro do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE-PPGE-UFPEL). Graduada em História/Licenciatura (Furg). Graduada em História/Bacharelado (Furg).

several postcards produced by the following publishing houses: Meira, Strauch, American, Miscellaneous, etc.. The time frame is linked to the emergence of the first postcards of the city of Rio Grande until the year 1930, when the “fever” of cartofilia cooled.

KEYWORDS: Postcard. Rio Grande. Modernity.

Introdução

A cartofilia, ou seja, o hábito, a disciplina, o prazer de colecionar cartões postais foi “quase” uma mania universal, particularmente ao final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Muitos fotógrafos brasileiros como Marc Ferrez, Guilherme Gaensly, R. Lindmann, J. F. Olivier e Teixeira produziram imagens que foram reproduzidas em diversas séries de cartões postais. Do mesmo modo, diversos fotógrafos anônimos (pois seus nomes não ficaram registrados nas estampas desses cartões), assim como ilustradores e tipógrafos, esmeraram-se ao máximo para fixar em belas molduras (cartões) a arquitetura, as ruas, os prédios, os transportes, os tipos humanos, as praças etc.

As grandes coleções de cartões postais podem auxiliar os pesquisadores em seus trabalhos revelando detalhes, esclarecendo pormenores e dirimindo dúvidas. Diversas áreas do conhecimento “bebem” nessa fonte, tais como História, Arquitetura, Sociologia, Paisagismo, Museologia e uma infinidade de outros campos de estudo.

De maneira peculiar, em certos períodos históricos esse tipo de documento era pouco valorizado. Gilberto Freyre frisava que de longa data os pesquisadores já percebiam o valor dos anúncios de jornal como testemunho de cunho informativo ou sugestivo. Mas ele se perguntava: “Será que se pode dizer o mesmo, ou quase o mesmo, do cartão-postal?”. Para ele, ainda não constava que houvessem realizado ou publicado estudos sobre um assunto “aparentemente tão frívolo ou insignificante”. Freyre também notou que os cartões guardados por colecionadores eram mais resistentes à ação destruidora do tempo do que as cartas e

levantou hipóteses sobre essa sobrevivência: “Por que sobrevivem eles às cartas? Graças precisamente às suas vistas coloridas” (FREYRE, 1978, p. 151).

As nuances e alterações da zona urbana da cidade de Rio Grande foram captadas, consciente ou inconscientemente, pelas lentes de diversos fotógrafos. Hoje, as transformações registradas nos cartões postais os tornam documentos basilares para o estudo da modernidade nessa cidade.

O cartão postal foi, no fim do século XIX e nas primeiras décadas do XX, uma verdadeira instituição. Grande parte das correspondências pessoais não era em carta fechada ou lacrada, mas em postal aberto. Assim, o brasileiro passou a se corresponder com o mundo.

As diversas casas editoriais

Procuramos caracterizar as casas editoriais que publicaram cartões postais com imagens paisagísticas da cidade de Rio Grande (independentemente se eles foram editados na própria cidade ou em outras) como, por exemplo, Pelotas, onde a Livraria Americana e a Livraria Meira lançaram um número razoável de cartões que tratavam da cidade vizinha (Rio Grande). Em relação à temporalidade, analisamos a produção editorial compreendida entre 1900 (primeiros postais editados) e a década de 1930.

Nem sempre foi fácil a localização desses cartões. Desse modo, trabalhamos com um universo de aproximadamente 50 postais. Em sua grande maioria, eles são parte do acervo particular de Eduardo Arriada; no caso de outros cartões utilizados, indica-se a fonte. A possibilidade de examinar um conjunto de postais faculta entender que essa coleção (ou coleções) entreteceu ao longo do tempo a malha imperceptível da memória. Eles são verdadeiros tesouros, joias raras encontradas apenas por “rastreadores” competentes. Disputados por colecionadores, atingem valores expressivos nos *sites* de venda e hoje são realmente considerados documentos (mas, no passado, eram meros objetos de entretenimento). Le Goff nota essa sutil mudança de perspectiva ao salientar que não apenas os “álbuns de família”

– imagens do passado dispostas em ordem cronológica na ordem das estações da memória social – evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos. Agora, “às fotografias tiradas pessoalmente junta-se a compra de postais. Tanto as fotos quanto os postais constituem os novos arquivos familiares, a iconoteca da memória familiar” (LE GOFF, 1992, p.466).

Livraria Rio Grandense de Ricardo Strauch

A Livraria Rio Grandense foi uma casa comercial estabelecida em 1887, com a direção de Ricardo Strauch. Seu início foi penoso e contou inclusive com a colaboração da Livraria Evangélica, mas as dificuldades eram enormes. Embora não contasse mais com o apoio da Livraria Evangélica, “Strauch suportou só o peso da luta diária para defender a existência do novo negócio e fazê-lo progredir” (MONTE DOMECCQ, 1916, p.370).

A organização contava com duas seções de livraria e papelaria, além de uma excelente oficina de tipografia e litografia e um setor de encadernação. Rivalizando com os melhores estabelecimentos comerciais similares do estado, recebeu medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 e funcionava em um “esplêndido prédio”, especialmente construído para esse fim na Rua Marechal Floriano 161 e 163. Mantinha constantes relações comerciais com a Alemanha, efetuando suas compras de livros pela Casa Theodor Thomas e de papel em Coblenz, pela Casa M. Mayer.

Uma filial foi aberta em Pelotas, denominada Livraria Pelotense. Em ambas as cidades (Rio Grande e Pelotas) seus cartões postais do tipo *Gruss* – ou seja, “Lembranças” – foram os primeiros publicados em 1900. Em sua maioria não eram fotografias, mas sim aquarelas.



Imagem 1: Cartão de 1900. Fonte: Gerodetti; Cornejo, 2004, p. 90.

Até o momento foi possível localizar quatro cartões do tipo *Gruss*. São os seguintes: 1) lembranças do Rio Grande do Sul, com as seguintes imagens (aquarelas): Porto do Rio Grande, Igreja Bonfim, Estação Central, Quartel General, Hospital da Caridade, Rua D. Pedro II e Parque (TORRES, 2010); 2) lembranças do Rio Grande do Sul, com as seguintes imagens (aquarelas): No Sertão, Na Roça, Mato Virgem, Fazendeiro e Onça (GERODETTI: CORNEJO, 2004: 04); 3) lembranças do Rio Grande do Sul, com as seguintes imagens (aquarelas): Forra da Barra, Nova Colônia, Casa de Imigrantes e Criola (GERODETTI: CORNEJO, 2004: 13); e 4) lembranças do Rio Grande do Sul, com as seguintes imagens (aquarelas): Charqueada, Cavalos na Campanha e Campos do Bugres (GERODETTI: CORNEJO, 2004: 90).

Nos anos seguintes houve uma acentuada produção de diversos cartões (não mais aquarelas), alguns em preto e branco, outros coloridos, além de uma ou mais imagens. No geral eram cartões paisagísticos – isto é, reproduziam cenas dos mundos urbano (prédios, praças, meios de transporte, estabelecimentos comerciais etc.) e rural (vida no campo, carneação etc.).

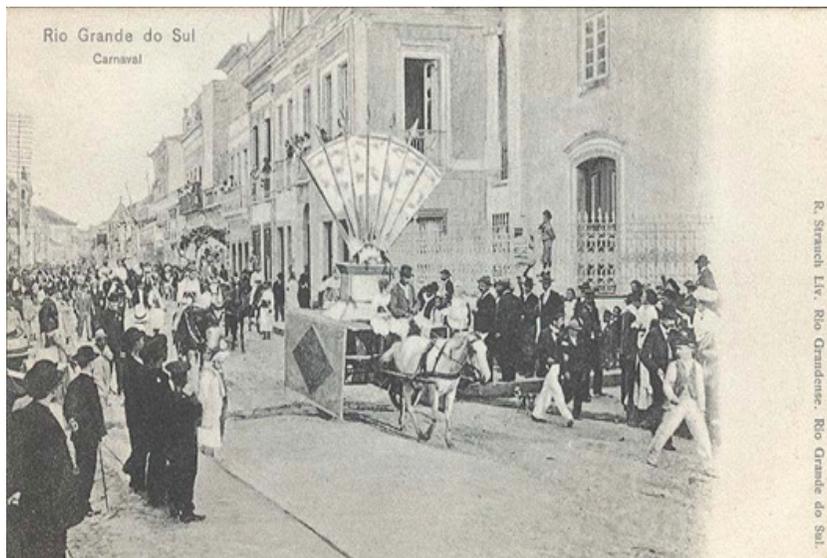


Imagem 2: Cartão de 1904. Fonte: acervo de Eduardo Arriada.

Livraria Americana

Embora seja conhecida como Livraria Americana, sua razão social é Carlos Pinto, tendo sido uma das mais fortes casas editoriais do Rio Grande do Sul na produção de cartões postais (além de livros). Estabeleceu-se na cidade de Pelotas em 1871 e, num primeiro momento, funcionou na Rua Andrades Neves, 603. Posteriormente, transferiu sua loja para a Rua 15 de Novembro e abriu filiais em Porto Alegre (1879) e Rio Grande (1885), onde seu estabelecimento comercial funcionava na Rua Marechal Floriano. Nesse período, contou com a atuação de Alfredo Ferreira Rodrigues, que tornou o nome da livraria referência em todo o país, em particular pela publicação do “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”, que foi editado ininterruptamente de 1889 a 1917.

Talvez os cartões postais dessa editora, em especial os da série numerada, sejam os mais belos, raros e valiosos. São 26 postais numerados com dupla e tripla imagem e apenas um,

o número 22, tem imagem única. Os primeiros 20 retratam a cidade de Pelotas e os seis últimos (ou seja, do número 21 ao 26) mostram São José do Norte e Rio Grande. Desse modo, no cartão postal de número 21 consta uma vista geral da Barra e de São José do Norte; no 22, a Praça Tamandaré e a Igreja do Salvador; no 23, o cais em dois ângulos diferentes e em conjunto com a Igreja do Carmo; no 24, a Alfândega, o Mercado e a Doca; no 25, a Livraria Americana e a Rua Marechal Floriano, em dois aspectos diferentes; e, no 26, a Igreja Bonfim e a Praça Alfredo Barboza.

Essa série numerada de cartões foi editada entre os anos 1903 e 1907. Ainda nesse período foram lançados diversos cartões em preto e branco que possuíam apenas uma imagem, com o nome genérico de “Coleção da Livraria Americana”. Na década de 1910 foi publicada outra série numerada, também em preto e branco, da qual possuímos os exemplares de número 11 (Praça Tamandaré: estátua de Bento Gonçalves da Silva) e 12 (Rua Marechal Floriano). Nos anos 1920, outra coleção foi editada, com a denominação “Coleção de vistas do Rio Grande”, da qual possuímos em nosso acervo dois cartões (trecho da Rua Marechal Floriano; Companhia União Fabril – Fábricas Rheingantz). Essa última coleção é colorida.

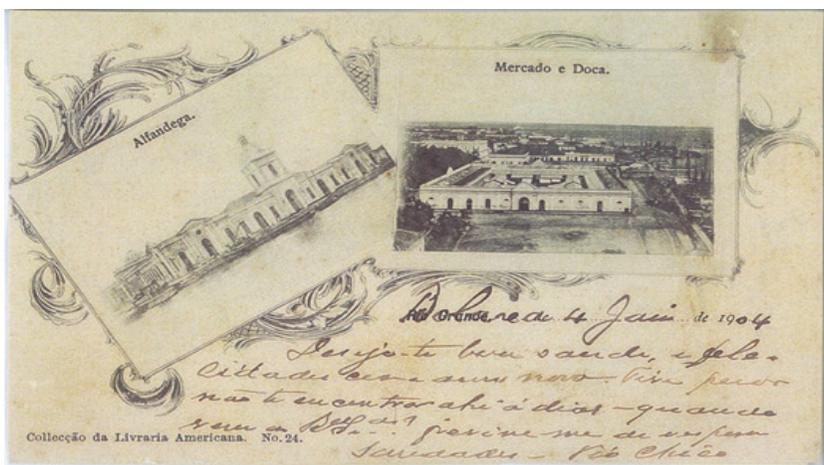


Imagem 3: Cartão nº 24. Livraria Americana, 1904. Fonte: acervo de Eduardo Arriada.



Imagem 4: Cartão da coleção da Livraria Americana, 1904. Fonte: acervo de Eduardo Arriada.

Casa Miscelânea

Muito pouco sabemos sobre essa casa editorial. Sua matriz era em Porto Alegre, mas tinha filiais em diversas cidades. Seu proprietário era S. Leonetti. Em Pelotas estava localizada na Rua 15 de Novembro. Seus cartões eram impressos na capital. A Miscelânea editou cartões que retrataram diversas cidades do Rio Grande do Sul. Algumas de suas séries ultrapassaram mais de 100 cartões (caso de Porto Alegre). A cidade de Pelotas teve duas séries de 12 cartões, uma colorida e outra em preto e branco. Em relação a Rio Grande, não temos no presente momento como saber quantos cartões foram editados.



Imagem 5: Casa Miscelânea Rio Grandense, coleção da Editora Meira, 1912. Fonte: acervo de Eduardo Arriada.

Livraria Meira

A Livraria Meira foi uma importante casa editorial criada em Pelotas no ano de 1885. Nos primeiros anos sua razão social era Souza Lima & Meira, e seu genro, Francisco de Paula Meira, iniciou suas atividades como funcionário da firma. Posteriormente, tornou-se sócio dela e, a partir de 1900, passou a ser o seu único dono. Era localizada na Rua Andrades Neves 604 e 606, num belo prédio com cinco aberturas, quase na esquina da Floriano Peixoto.

A livraria lançou no mercado diversos cartões, em sua grande maioria alusivos a Pelotas. Entre 1902 e 1904, foram lançados no mercado uma série de 70 postais numerados. Em relação

aos cartões dessa série numerada que retratam Rio Grande, os números 55 (Estação Central, Estrada de Ferro), 60 (Fábrica de Charutos Poock) e 62 (Rio Grande – Rua Marechal Floriano) reproduzem imagens da cidade. Embora tenhamos localizado 60 números, restam ainda dez cartões dos quais não temos conhecimento e que talvez também possam se referir à cidade de Rio Grande. A maior parte dessa série é de cartões em preto e branco, sendo alguns poucos coloridos.

No ano de 1906, novos cartões foram produzidos, porém sem numeração. Relativos à cidade de Pelotas, temos conhecimento de mais de 50 postais. Em relação à cidade de Rio Grande, não temos dados suficientes para saber a quantidade exata produzida, mas muitos deles eram coloridos; entre outros, conhecemos: Quartel General. Finalmente, nos anos 30, foi publicada uma série razoável de cartões “Edição de Meira & Cia.”. Eles não possuíam numeração e eram impressos em preto e branco, puxando levemente para um verde desmaiado. Talvez tenham sido lançados entre 10 e 15 exemplares.



Imagem 6: Editora Meira, 1908. Fonte: acervo de Eduardo Arriada.

Outras casas editoriais também tiveram um papel importante na editoração de cartões. Salientamos a Casa Pitombo Lima, com uma série numerada de aproximadamente 25 cartões.

Ainda temos a A. Caldonazzi Editora, assim como as edições da “Mission brésilienne de propagande” e cartões sem identificação. Em muitos casos, firmas comerciais aproveitavam esse suporte para divulgar suas empresas. Infelizmente não temos (pelo menos no presente momento) condições de elucidar essas produções.



Imagem 7: Caixa d’água da cidade de Rio Grande. Coleção da Editora Pitombo Lima, década de 30. Fonte: acervo de Eduardo Arriada.

As imagens como discurso da modernidade

Particularmente ao final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, é perceptível, por meio das imagens, assim como nos relatos dos viajantes, uma mudança significativa na economia, nos transportes e na urbanização da cidade de Rio Grande. Essas alterações modificaram o uso do espaço urbano e uma racionalização fez-se cada vez mais presente. Os transportes passaram de um uso quase exclusivamente individual para um uso coletivo. A chegada dos bondes e a iluminação pública invadiram as ruas, avenidas e praças.

Ao visitar a cidade em 1891, Sena Freitas disse que a observou com a “isenção de um espírito imparcial”.

O aspecto geral da cidade agradou-me. Ruas largas, direitas, planas e bem calçadas. A não ser Pelotas, que ainda não vi, ou Porto Alegre, nenhuma cidade do Brasil as tem melhores como regularidade. Seria, porém, para desejar que a bitola dos passeios, aos lados das ruas, fosse mais larga, defeito aliás comum a todas as cidades brasileiras³.

Um aspecto que não passou despercebido pelo autor foram as praças. Na virada do século XIX para o XX elas ganharam uma dimensão pública e se tornaram um espaço de sociabilidade e convívio. No geral, as próprias estruturas de poder circundavam esses espaços. Podemos perceber que nesse momento histórico as praças deixaram de ser locais abandonados ou parques jogados ao léu para adquirirem o verdadeiro *status* de praças, isto é, lugares destinados à circulação e ao uso de grande parte dos moradores.

Depois de termos percorrido em phaeton as ruas e largos urbanos, tomámos um bond para irmos ver o Parque, que fica a pequena distância da cidade. A intenção de proporcionar aos habitantes do Rio Grande um logradouro arborizado e ancho, onde se respire um ar saturado de oxigênio e onde se encontre uma diversão as preocupações apoquentadas do utilitarismo, essa intenção não pode ser mais louvável! Ainda alguns anos de vegetação e o parque será um parque. Já não é pouco que se saiba desde já o lugar onde ele deve ser⁴.

Sena Freitas ponderava ainda, talvez com uma boa dose de certeza, sobre a necessidade de tornar mais facilmente navegável a Barra, assim como achava bastante factível a criação de um porto novo em melhores condições e a instalação de um serviço ferroviário entre a cidade e esse porto. Desse modo, a “vocaçãõ” para porta e entrada de produtos estava assegurada.

³ FREITAS, 1891, p. 224

⁴ FREITAS, 1891, p. 225

A urbanização das duas principais praças de Rio Grande teve início na segunda metade do século XIX. A Praça Xavier Ferreira, assim como a Praça Tamandaré, seguiam os princípios franceses de modelação com belos jardins, lagos, chafarizes e diversos monumentos. Em 1874, é importado da Inglaterra um formoso chafariz, colocado pela Companhia Hidráulica Rio-Grandense na Xavier Ferreira (MARTINS, 2006, p. 96).

A Praça Tamandaré, localizada a sudoeste do centro histórico, era a maior área verde dentro da zona urbana e local de enormes cômodos e fontes de água. O espaço era popularmente conhecido como “Giribanda” (ou seja, descompostura), em decorrência do enorme fluxo de pessoas que iam buscar água. A praça recebeu o nome de Tamandaré em 20 de abril de 1865 (MARTINS, 2006, p. 97). Nesse período, iniciou-se o calçamento das primeiras ruas da cidade de Rio Grande. A Câmara Municipal, entre os anos de 1855 e 1876, desenvolveu projetos de calçamento das principais vias urbanas, com o objetivo de superar o ultrajante lamaçal que se formava durante os períodos de chuva. O custo era alto, pois as pedras vieram de outros municípios, particularmente de Pelotas (MARTINS, 2006, p. 97).

Essa realidade de precariedade das vias públicas durante parte do século XIX foi uma constante. O belga Baguet, que visitou Rio Grande em 1845, comentou: “A cidade tem um aspecto muito triste: suas ruas são mal iluminadas, algumas nem são pavimentadas” (BAGUET, 1997, p. 29). Porém, assim como criticava, asseverava: “Mas graças a seu comércio e seu porto, que é o único desta rica província, a cidade sofrerá, pela força das circunstâncias, uma transformação completa. Já possui um teatro, uma espaçosa alfândega e outros edifícios estão em construção” (BAGUET, 1997, p.30). Em 1858, muita coisa ainda não havia mudado, segundo a opinião de Avé-Lallemant: “Conta a cidade ruas regulares, sem calçamento” (1980, p.107).

A escritora Júlia Lopes de Almeida discutiu a respeito do assunto:

Pois esta cidade do Rio Grande dá-me a impressão de ser um cofre de recordações. [...]. Poderia descrever quadros

arejados, em ambiente próprio, a moderna, com cassinos de praia em que se joga; meninas à americanas que andam sós; grandes estabelecimentos industriais frigoríficos que elevam para os céus profundos os seus vários andares de cimento armado, e clubes em que se faz excelente música e em que se conversa muito agradavelmente. É uma cidade quieta, provinciana, com hábitos burgueses e beatos, mas que pelo seu novo porto e excelente cais, recebe agora em pleno peito todo o influxo, das civilizações distantes⁵.

Em suas anotações, Almeida deduziu que Rio Grande teria uma transformação rápida, fruto de uma população que lhe “parecia muito inteligente, trabalhadora e sensata” (1920, p. 213). Não deixava de perceber o papel relevante e fundamental que teria o porto:

Impelida pelo movimento comercial e crescente do seu porto, que dentro de alguns anos terá transformado esta cidade laboriosa mas modesta, numa capital de considerável importância, o Rio Grande se espreguiçará um dia até ligar-se a Pelotas. [...] O grande impulso para a realização desses melhoramentos, além de ser dado pelo novo cais, será também movido pelos modernos frigoríficos, enormes armazéns que uma famosa empresa americana está construindo e que, com as suas instalações para a matança do gado, para a exportação de carnes congeladas, couros, etc., vem substituir as tradicionais charqueadas, que empestam o ar de mau cheiro e de moscas, elementos estes não só contrários à saúde, como ao conforto, à elegância e a felicidade da vida⁶.

Toda essa pujança, ou seja, impactos operados num mundo em transformação, atingia Rio Grande. Em 1927, ao percorrer suas ruas, Alfajos (1927, p. 278) notou essas modificações: “Rio Grande é já uma cidade grande de mais de 40.000 habitantes em grande progresso com um porto de 1º ordem com aparelhagem

⁵ ALMEIDA, 1920, p. 212/213

⁶ ALMEIDA, 1920, p. 218

moderna, cais de atracação, estaleiros, molhes artificiais”.
Continuava o autor:

As ruas mais comerciais são: Riachuelo, Floriano, Osório, Andrea, Andradas, Uruguaiana, Bacelar e 24 de Maio, todas calçadas a granito. As praças são quase todas ajardinadas e as principais são: General Telles com mercados, gabinetes, sanitários modernos iguais aos das grandes cidades inglesas. Estátua da Liberdade, Biblioteca, Câmara do Comércio, Quartel General, Correio e Telégrafo, e Intendência Municipal, sendo ali o lugar mais concorrido à noite; Tamandaré (uma das maiores do Estado) com estatua de Bento Gonçalves, erma de Carlos Gomes e Igreja Protestante do Salvador; Sete de Setembro com a estátua do Barão do Rio Branco e Igreja da Conceição; Júlio de Castilhos com a estátua do mesmo. [...]. É servida por bondes elétricos e por estrada de ferro que dali segue para o interior por Pelotas⁷.

Sem dúvida pairava no ar uma sutil mudança, nem sempre fácil de ser notada, mas que não passava despercebida pelas narrativas dos viajantes nem pelas lentes atentas dos fotógrafos. Diversas inovações podiam ser visualizadas nas praças, tais como o ajardinamento, os canteiros milimetricamente medidos, que davam uma dimensão da influência cartesiana na arte da jardinagem, e o aformoseamento desses espaços públicos com a instalação de belos chafarizes.

Considerações finais

Impossível tentativa de enraizamento, o postal parece revelar o minucioso trabalho que incide na conquista da paisagem pelo olhar do viajante. A conjugação que se estabelece entre o texto e a

⁷ ALFANJOS, 1927, p. 278

imagem sublinha a atitude deliberada do remetente em persuadir o destinatário a compartilhar, ao seu modo, o gosto da viagem. “De uma maneira ou de outra, o cartão procura estabelecer uma comunicação entre ausentes e assim restituir uma distância” (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 424).

Inicialmente, os cartões eram confeccionados por meio de técnicas artesanais de impressão, que remetiam à tradição das estampas e gravuras (conforme Imagem 1). O desenvolvimento dos processos de reprodução de imagens derivados da fotografia possibilitou uma qualidade gráfica superior, bem como o aumento das tiragens e a diminuição dos custos de produção, contribuindo para a popularização dos cartões postais (conforme as demais imagens). Contudo, no avançar do século esse tipo de documento foi perdendo vitalidade e seu uso cessou, sendo substituído sem pena ou consideração pelo telégrafo, em seguida pelo telefone e, nos dias atuais, pelo correio eletrônico. Ao mesmo tempo em que perdeu a sua razão de ser, não foi somente esquecido, mas destruído. Dos milhões de cartões editados, sobraram apenas alguns, restos, resquícios de uma era mágica.

Hoje, assim como ontem, a vida pulsa nas ruas, nas casas de comércio, nas praças, nos prédios. A imaginação e a fantasia encontram formas de burlar os poderes invisíveis e institucionalizados. Há sempre um pouco de teatralidade nas figuras aparentemente estáticas dos cartões postais, em que ficam cristalizadas cenas de um tempo perdido. Cada gesto que a fotografia petrificou engloba um cotidiano de cheiros e sons, de palavras e sonhos, de utopias e frustrações.

Embora tenhamos plena consciência da importância deste trabalho, sabemos também que enormes lacunas serão apontadas em estudos futuros. Esta é uma tentativa de começar um certo “mapeamento” das casas editoriais que se dedicaram a emitir cartões postais. Esses singelos e precários suportes de imagens foram no passado objeto de veneração e motivo de colecionismo, que com as novas tecnologias acabaram relegados ao esquecimento. Talvez com dedicação, empenho e certa dose de paixão, possamos constituir, num futuro próximo, acervos relevantes que possibilitem pesquisas mais aprofundadas e exaustivas.

Referências:

ALFANJOS. *Uma Viagem Encantadora: do Rio de Janeiro à Terra do Fogo*. Rio de Janeiro: Livraria Paulo Azevedo, 1927.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Jornadas no meu país*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

ARRIADA, Eduardo; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros. *Praças de Pelotas: o ontem e o hoje no olhar das crianças*. Pelotas: SeriarTE Artes Gráficas, 2003.

ARRIADA, Eduardo. *Cartão Postal: fragmento de um passado*. Diário da Manhã. Pelotas. 21.07.1991.

_____ *Um ar de opulência: fotos e fotógrafos de Pelotas durante o Império*. Diário Popular. Pelotas. 08. 11. 1991.

_____ *Pelotas de Antanho: a época dos bondes a burro*. Diário Popular. Pelotas, 29.11.1991.

_____ *A fotografia em Pelotas*. Diário Popular, Pelotas, 27.08. 1993.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980.

BAGUET, Alexandre. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc; Florianópolis: Paraula, 1997.

BERGER, Paulo. *O Rio de Ontem no cartão-postal (1900-1930)*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rioarte, 1986.

BRIZUELA, Natalia. *Fotografia e Império: paisagens para um Brasil Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREYRE, Gilberto. *Informação, comunicação e cartão-postal*. In: Alhos & Bugalhos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

FREITAS, Senna (Padre). *Observações Críticas e Descrições de Viagem*. Volume II. Entre mares e lares. Rio de Janeiro: Companhia Imprensa, 1891.

GERODETTI, João Emilio; CORNEJO, Carlos. *Lembranças do Brasil: as capitais brasileiras nos cartões-postais e álbuns de lembranças*. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2004.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. *O Cartão Postal: entre a nostalgia e a memória*. In: Realidades e Ficções na trama fotográfica. 3º edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2º edição. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MARTINS, Solismar Fraga. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)*. Rio Grande: Editora da Furg, 2006.

MIRANDA, Antonio. *O que é cartofilia*. Brasília: Thesaurus, 1985.

MONTE DOMECCQ'. *O Estado do Rio Grande do Sul*. Barcelona: Thomas, 1916.

PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais do Município de Rio Grande*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1944.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. República: da Belle Époque à Era do Rádio. História da Vida Privada no Brasil. Tomo 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TORRES, Luiz Henrique. *Rio Grande: Cartões-Postais contam a história*. Rio Grande: Editora da Furg, 2010.

VASQUEZ, Pedro Karp. *Postaes do Brazil (1893-1930)*. São Paulo: Metalivros, 2002.

WILLOUGHBY, Martin. *História do Bilhete-Postal*. Lisboa: Editora Caminho, 1993.